

# Um 1992 promissor

25 JAN 1992

O BRASIL fechou o ano de 1991 com uma inflação acumulada de cerca de 450%. É ainda um índice super elevado; se comparado aos números registrados em 1989 e em 1990 (quando a inflação chegou à casa de 1.500%), traz algum alento.

O que tudo indica, a inflação brasileira entrou em curva descendente e é bem plausível que o Brasil chegue ao fim de 1992 com a variação mensal dos índices reduzidos a um dígito (na carta de intenção entregue ao Fundo Monetário Internacional, estima-se que em dezembro a alta de preços já tenha baixado para 2%).

A CONJUNTURA internacional é favorável à queda da inflação no Brasil. O petróleo, por exemplo, produto que mais pesa na pauta de importações do país e fator permanente de pressão de custos, está com suas cotações declinando e já se fala que podem cair para níveis de antes de 1979. Não haverá, portanto, em 1992, motivo para uma elevação dos preços domésticos dos combustíveis além do percentual necessário para compensar a flutuação da taxa do dólar (e a consequente desvalorização do cruzeiro). Os demais insumos importa-

dos também estão em baixa ou estabilizados, refletindo a fraca demanda nos países desenvolvidos.

No lado das contas externas, o Brasil está perto de acertar um bom acordo com os credores. As taxas de juros andam também em baixa no exterior, aliviando os pagamentos que o país terá de fazer durante o ano. Isto significa que o balanço de pagamentos não deverá ser um possível foco de inflação.

No lado das contas internas, o Governo federal vem cumprindo seus compromissos. Há 22 meses consecutivos o Tesouro Nacional apresenta superávit de caixa, gastando ligeiramente menos do que arrecada (excluindo-se desse cálculo o equivalente à correção monetária das dívidas públicas). Em novembro e dezembro de 1991, o Tesouro contribuiu para contrair o volume de moeda em circulação na economia — o que não ocorria há muito tempo.

A REFORMA tributária e o programa de privatização (este diminuindo consideravelmente as dívidas públicas) devem assegurar o equilíbrio das contas do Governo federal ao longo de 1992, e esper-

ra-se que estados e municípios se esforcem no mesmo sentido. O rolo compressor da desestatização deve levar as companhias estatais a saírem do vermelho, ou pelo menos a não aumentarem o rombo de cada uma. A Previdência Social continuará a representar problema grave, a pedir uma solução ampla, de caráter estrutural.

SE São Pedro ajudar com chuvas que venham na medida para produzir uma boa safra, não restarão fatores autônomos de inflação. A inércia que impulsiona a alta de preços foi quebrada pela lei da oferta e da procura e os reajustes não têm sido mais aplicados de forma automática, na proporção da inflação do mês anterior.

ASSIM, embora a situação permaneça muito difícil, há razões para encarar 1992 com otimismo. Quando o Brasil se alinhar, em termos de inflação, aos demais países do continente, sem dúvida os investimentos externos voltarão, tal qual aconteceu no México. O Brasil está mais consciente dos graves problemas sociais que precisa corrigir e terá de saber aproveitar os novos impulsos econômicos para construir uma sociedade mais equilibrada.